

ENTREVISTA COM PROF. DR. IZIDORO BLIKSTEIN

Por: Alice Maria de Araújo Ferreira

LET-PosTrad-UnB - Universidade de Brasília

São Paulo - 15/10/2013

Izidoro Blikstein é pesquisador e professor na área de Letras, se formou em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1960), Mestre em Linguística Comparativa pela Université Lumière Lyon 2 (1962), Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1973) onde fez também sua Livre-docência em 1976. Atualmente, é consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Titular da Universidade de São Paulo (USP). Izidoro Blikstein é tradutor de importantes obras de Linguística entre as quais *Linguística e comunicação* (1968) de Roman Jakobson, *Dicionário de linguística* (1970) de Dubois, *Elementos de Semiologia* (1974) de Roland Barthes e, o *Curso de Linguística Geral* (1971) em parceria com José Paulo Paes e Antônio Chelini, de Ferdinand de Saussure, organizado pelos alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, além de várias outras obras de referência na área. Autor de livros como *Kaspar Hauser e a fabricação da realidade* (1983), *Técnicas de Comunicação Escrita* (1998) e *Como Falar em Público: Técnicas de Comunicação para Apresentações* (2007) entre outros, além de vários artigos em Semiótica e Teoria da comunicação.

Pensador da linguagem e tradutor, Izidoro Blikstein teve um papel fundamental na divulgação das ideias linguísticas dos anos 1960 e 1970, época da constituição dos Departamentos de Linguística no Brasil.

O Professor nos concedeu gentilmente esta entrevista em São Paulo após o congresso realizado na USP “100 anos com Saussure”, e nos contou as circunstâncias da tradução do *CLG* e as contribuições de Saussure na história do pensamento sobre a linguagem.

Alice Ferreira (A.F.): Quando decidiram traduzir o "Cours de linguistique générale" e em que circunstâncias?

Izidoro Blikstein (I.B.): Eu dividiria essa questão em dois tópicos, porque você pergunta quando e em que circunstâncias. Eu vou começar pela segunda parte, em que circunstâncias. Ocorre que a Linguística foi pouco a pouco penetrando no currículo de Letras. O que nós tínhamos até o final da década de 60 era o ensino da Filologia Românica (o estudo comparativo, diacrônico) e Filologia Portuguesa que também era um estudo diacrônico. Qual era o tipo de ensino? Tomava-se, por exemplo, *Os Lusíadas* (em Filologia Portuguesa) e o professor ia explicando palavra por palavra, o contexto cultural, a origem, etc. Era um ensino diacrônico. E de repente, começou a avalanche da Linguística, os livros, os estudiosos, as teses, começaram a chegar no

Brasil. Ainda me lembro de ter conversado com o professor Salum [prof. Dr. Isaac Nicolau Salum] que era nosso especialista em Filologia Românica. Em 1960 eu tinha terminado meu curso de Letras, fiz Letras Clássicas, estudava grego, latim, sânscrito. A minha mãe estava muito preocupada me perguntando como eu ia ganhar a vida aqui no Brasil ensinando grego, latim, sânscrito, mas eu tive a sorte de ganhar uma bolsa de estudo para a França para Lyon. Eu fui pra Lyon fazer meu mestrado e meu doutorado, em princípio em Filologia Clássica e depois mudei para Linguística Geral, Semiótica, etc, por causa do impacto da Linguística, da Antropologia de todas essas ciências, os grandes nomes apareciam, Levi-Strauss, Lacan, etc. Então, antes de ir pra França o professor Salum me chamou e disse: “Vai se preparando, vai lendo os *Elements de linguistique général* de André Martinet, que é um estruturalista, você precisa se preparar para o Estruturalismo.”. Ele já estava bem informado sobre as novidades da Linguística. O fato é que o impacto foi tão forte que os planejadores dos cursos de Letras decidiram introduzir um ano de Linguística, chamava-se “Introdução à Linguística” em todos os cursos de Letras. Então, vamos situar a partir dos anos 60, final da década de 60, todos os cursos de Letras obrigatoriamente tinham de dar um ano de Introdução à Linguística, era obrigatório, e tão obrigatório que as faculdades que não tinham Linguística criaram cursos de extensão, convidaram os professores da USP, da Unicamp, etc, para darem esses cursos de extensão de Linguística de modo que os professores que concluíam o curso tivessem pelo menos um certificado de especialização em Linguística. Portanto com isso abriu-se um enorme mercado para a área de Linguística. Então quando você pergunta “em que circunstâncias”, na verdade o contexto convidava a produzir ou pelo menos a investir em traduções de clássicos da Linguística porque nós não tínhamos praticamente nada de Linguística a não ser autores brasileiros que tendo feito seus cursos no estrangeiro, traziam essas novidades. Por exemplo, Mattoso Câmara Jr, tinha estudado nos EUA e conviveu com Jakobson e trouxe novidades linguísticas, mas nós tínhamos muito pouco da bibliografia básica de Linguística. Portanto nós decidimos empreender traduções, na minha volta de Lyon, eu também ingressei na USP para lecionar Linguística, sob a direção de Filologia Românica, depois se transformou em Linguística Românica (porque deu-se uma ênfase ao estudos sincrônicos). E o professor Salum fazia um trabalho sincrônico maravilhoso, ele fazia aquilo que a gente chama “o desfraseamento do texto”, ele tomava um texto e fazia uma desmontagem em forma de árvores e galhos, esquemas arbóreos, e era um trabalho sincrônico na verdade. Incentivado pelo professor Salum e outros colegas surgiu a ideia de pensarmos em traduções e isso coincidiu com um episódio pontual na minha carreira universitária. Eu tinha muita amizade com um professor de Literatura Brasileira, era o professor Rolando Morel Pinto (já falecido e que escreveu um trabalho fundamental para a compreensão da obra de Graciliano Ramos), o Rolando que além de um excelente professor de Literatura Brasileira era uma pessoa extremamente generosa, me encontrou na faculdade e disse “Eu estava conversando com o José Paulo Paes (que era o editor da Cultrix) e ele me perguntou o seguinte, ‘Estou vendo todo esse barulho em torno da Linguística, da Semiótica. Gostaria de inaugurar uma linha de tradução de autores importantes dessa área. Quem poderia fazer isso?’”. Então Rolando me convidou e eu

fui com ele visitar o José Paulo Paes na Editora Cultrix. A Editora Cultrix era um apêndice da Editora Pensamento que é uma empresa que publica ininterruptamente livros de auto-ajuda, esoterismo, e vende como água. Mas o dono da editora, Diaulas Riedel, tinha as suas ambições acadêmicas e como José Paulo Paes trabalhava na Pensamento, disse: “Você não poderia cuidar de uma coleção acadêmica, de elite, livros universitários?”. E assim é que se criou a Cultrix, o próprio nome diz “Cultrix” geradora de cultura. E o José Paulo Paes aceitou e começou a dirigir a Cultrix com muitas ressalvas da parte da direção da editora porque vendia-se poucos livros, traduções por exemplo do latim, o professor Jaime, excelente professor de latim, traduziu autores latinos e a direção da editora não vendeu nem 500 exemplares, mas o José Paulo Paes era um batalhador e idealista e sustentava a Cultrix e então fomos visita-lo. Um pormenor importante: a Cultrix funcionava num prédio *belle époque* no Bairro da Liberdade, era um prédio com arquitetura típica da *belle époque* dos anos 20, 30 quando São Paulo ainda tinha esses palacetes, o elevador lembrava aqueles elevadores antigos da França, “Que ambiente solene”. Entramos na sala do José Paulo Paes, ele usava grossos óculos e era alguém muito observador, muito perspicaz, alguém muito franco então ele disse “Queria que você apresentasse uma lista de autores que nós podíamos traduzir. Mas preciso dessa lista logo porque vou me entender com as editoras estrangeiras para os direitos de tradução e isso não pode demorar.”, ele já era preocupado com os prazos. Então entreguei a ele uma lista: Saussure, Jakobson, isso era no final da década de 60 por volta de 1968. O Roman Jakobson veio ao Brasil para uma série de palestras, conferências, então o José Paulo Paes disse: “Jakobson é muito bom, e ele vem aí se a gente conseguir lançar o livro, ótimo.”. Propus o Jakobson, Os *Elementos de Semiologia* de Roland Barthes, o *Semântica Estrutural* do Greimas, o dicionário de Jean Dubois (isso foi depois). Uma série de livros para traduzir e nós começamos esse trabalho de tradução. O livro do Jakobson saiu primeiro, por volta de 1968. Jakobson estava no Brasil, fui visita-lo num hotel aqui no centro na cidade e expliquei a ele que nós íamos lançar o livro e queria que ele dissesse algumas palavras no prefácio, ele fez um prefácio para a edição brasileira. Ele recebeu o livro, ficou muito feliz, era um conjunto de ensaios, principalmente o de linguística e poética com as funções da linguagem o livro se chamou “Linguística e Comunicação” e foi um sucesso editorial (até hoje é). E aí fomos festejar esse lançamento, Jaco Ginsburg, o diretor da Editora Perspectiva, Augusto e Haroldo de Campos estavam presentes nesse almoço e o Jakobson. Eu me lembro que as conferências dele arrastavam multidões pelas ruas. Ele foi dar uma conferência na Aliança Francesa, na Rua General Jardim, não cabia tanta gente, então fomos para a sede do SESC, na Rua Doutor Vila Nova onde era a antiga Faculdade de Filosofia. E aquela multidão foi acompanhando o Jakobson pela rua, foram momentos realmente gloriosos. O fato é que em 1971 saiu a tradução do *Curso de Linguística Geral* que também foi um sucesso editorial sobretudo pelo prefácio do professor Salum. É um prefácio denso, ele demorou muito a entregar o prefácio (o José Paulo Paes queria mandar a polícia), mas ele pesquisou tanto que é um prefácio primoroso em que ele faz observações importante sobre Saussure, os manuscritos, e nele o chamou de *struturaliste avant la lettre*. Então, essa edição foi fundamental para a

implantação efetiva dos cursos de Linguística, porque os alunos tinham um livro em português – o acesso a livros estrangeiros era sempre complicado, muito caro – então foram circunstâncias pontuais, esse acordo com a Editora Cultrix e a entrada da Linguística nos cursos de Letras.

A.F.: De que maneira, ao traduzir o *Curso de linguística geral*, enriqueceram o vocabulário da Linguística no Brasil?

I.B.: Eu diria que os cursos de Letras e de Ciências Humanas de um modo geral, se eu não estiver exagerando, nunca foram os mesmos depois do “Curso” de Saussure. Porque todo mundo foi beber aqui os conceitos básicos que revolucionaram a visão que se tinha da língua. Muita gente torceu o nariz para a entrada de Saussure e esses conceitos, as dicotomias saussurianas. Termos, por exemplo, como signo, significante e significado, foram, digamos assim, adotamos literalmente e quando eu comecei a lecionar aqui na Escola de Administração de Empresas, eu comecei a falar de Saussure, e os alunos estranhavam: “Como é que se fala? Saussure? Mas qual é a importância para o nosso dia a dia nas empresas?” “Porque nas empresas vocês lidam com signos o tempo todo”. Então Saussure passou a ser familiar aos alunos aqui de Administração de Empresas. Começaram a usar significante, significado, código, sintagma, paradigma, etc. A arbitrariedade, a gente discutia isso, o significado da arbitrariedade quando falamos, por exemplo, dos logotipos, das logomarcas, que deveriam ter um significado motivado, mas que com o tempo se tornavam arbitrários também. Por exemplo, a *Light* (Companhia *Light*) tinha uma logomarca que era um raio, isso era motivado, mas com o tempo se tornou arbitrário, porque passou a ser usado automaticamente, e ninguém pensava na fâsca elétrica mais, era a *Light*, então, com isso deu para discutir o aspecto dialético entre arbitrariedade e motivação. Mas o impressionante é como os alunos absorviam essas noções. Um aluno aqui de Administração de Empresas, que conhecia bem o francês, viajou para a França e ao voltar, ele disse: “Professor, eu acho que tem uma aplicação da noção de arbitrariedade, motivação, a noção de signo linguístico. O senhor ouviu falar em Bobby Watson?”, eu falei: “Eu me lembro disso em Ionesco”, “Pois é, em ‘A cantora careca’, [La cantatrice chauve], o Mister Smith diz ‘Ah, c’est écrit ici dans le journal que Bobby Watson est mort.’, aí a mulher diz ‘La pauvre Bobby !’, ele falou: ‘Non, tu veux dire le pauvre Bobby.’, ‘Non, sa femme s’appelait comme lui, Bobby Watson aussi.’, ‘Et les enfants?’, ‘De quels enfants tu parles? Du garçon ou de la fille?’, ‘Je parle du garçon Bobby Watson !’, ‘Je parle de la fille, Bobby Watson!’, e o marido fica furioso e diz : ‘Mais de quel Bobby Watson parles-tu?’. A cena é hilariante, então ele disse “Aqui eu vi a noção de signo, o significante e o significado.”. Porque era um “Bobby Watson” com milhares de significados. E ele passou a estudar Ionesco do ponto de vista do Saussure. Não é à toa que Ionesco, nas várias declarações, disse que suas peças de teatro na verdade falam sobre a desestruturação da linguagem, a desmontagem de significante e significado.

A.F.: O vocabulário ficou? Língua e fala...

LB.: Ficou! Foi incorporado! Língua e fala, *langue* e *parole*... E como foi explorada a intertextualidade que se criou em torno disso é fantástico. Então, eu me atrevi a aproximar a *parole* da noção de signo bakhtiniana, porque o Bakhtin diz que nenhum signo é autônomo. Enfim, são delírios, mas vale a pena a gente ousar. Portanto, eu diria que o vocabulário da Linguística, depois não só de Saussure, evidentemente, Jakobson, etc, as funções da linguagem, função metalinguística, hoje é ensinado até no curso primário. Mas mudou a face dos Estudos Literários, Linguísticos, etc, mas não sem gerar ódios, porque a ala mais tradicional não queria tomar conhecimento da Linguística, tinha até medo da Linguística “Que que é isso aí?”, reagiu com muita raiva. Eu, por exemplo escolhi como texto para aplicação de noções linguísticas o *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Lá, há uma passagem famosa sobre o inferno: o menino pergunta à mãe o que é inferno e a mãe diz “É um lugar ruim onde tem espeto quente” e o menino pergunta “Mas a senhora foi lá? A senhora já viu?”. Portanto era o significante, o significado e o referente. Bom, eu estava discutindo essas noções. Um professor de Literatura Brasileira procurou o professor Salum, que era o meu chefe e disse “Vocês estão invadindo minha área. É preciso parar com isso. Procurem dar Linguística.”, então o professor Salum veio falar comigo “Você está falando de *Vidas Secas*, o que é? Literatura? Linguística?”. Bom, eu sempre tive problema com isso...

A.F.: Até hoje há uma separação e/ou uma não-conciliação entre a Linguística e a Literatura nos cursos de Letras...

LB.: É, a conciliação não é muito fácil! E também, por exemplo, a área de Psicologia, de Psicanálise. Conversando com o meu psicanalista, eu disse: “A questão dos lapsos da linguagem pode ser que encontre uma explicação na Linguística também”. O famoso texto do Freud sobre o esquecimento dos nomes próprios entra muito na questão linguística. Então o fato é que hoje não dá para viver sem a Linguística e sem esse vocabulário, sem esses instrumentos.

A.F.: As suas traduções... tem alguns autores que não usam a tradução “língua e fala”, continuam pondo em itálico “*langue/parole*”, mas de maneira geral, todo mundo usa a tradução, ou seja, a “*parole*” realmente virou “fala”, é aceito em todos os cursos de Linguística. Vocês criaram todo o vocabulário em português para a linguística nesse processo de tradução.

LB.: É um processo que implica criatividade e muita coragem também. Porque é como estou dizendo, colegas, sobretudo da área de francês, às vezes pegam aquilo e dizem “Isso não é bem assim que se diz” e nós temos de estar abertos a uma revisão constante.

A.F.: Traduzir Saussure no Brasil nos anos 1970, quando já apareciam os primeiros textos pós-estruturalistas, dificultou a divulgação da tradução?

I.B.: Eu diria que não dificultou a divulgação da tradução porque o texto que era considerado leitura obrigatória, básica, continuou figurando na bibliografia universitária, sendo sempre citado. Mas é evidente que nós não podemos parar em Saussure, para citar o caso de Benveniste, ele é um herdeiro de Saussure, é evidente que ele desenvolveu, por exemplo, a noção da enunciação, do enunciado, etc, tudo isso são desdobramentos que vieram depois de Saussure. E o que me parecia uma atitude prudente, sábia, da parte dos professores e especialistas, era entender tudo isso como um processo, de intertextualidade, de crescimento, de desdobramento, portanto era importante conhecer Saussure, mas era importante conhecer o que veio depois também. Mesmo porque me parece que o texto de Saussure, apesar de tantos trabalhos, tanto empenho, tanta dedicação estudando os manuscritos de Saussure, eu diria o seguinte, o texto de Saussure não foi ainda totalmente perscrutado. Cada nova leitura implica novas descobertas. O próprio professor Salum dizia que até frases atribuídas a Saussure eram acrescentadas pelas editoras. Mas de qualquer maneira, o “Curso” é uma obra aberta, talvez até o fato de serem anotações dos alunos deixe muita coisa nas entrelinhas, mas nós vamos descobrindo. Essa observação do Saussure, “longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” [pág. 15]. Eu acho que essa é uma observação fundante. A argúcia de Saussure o levava a considerar (e é por isso que ele fala da Semiologia como a ciência geral que encobre a Linguística) o ponto de vista, todo o entorno, toda a cultura que está precedendo a percepção do objeto. Essa passagem foi a base para eu começar a redigir o meu ensaio do Kaspar Hauser¹. Porque o caso de Kaspar Hauser mostra que faltava a ele (para entender a sociedade) o ponto de vista que a sociedade tinha, por mais que se explicasse. Como no filme na cena em que ele vai almoçar na casa do camponês, este lhe dá a colher, e ele não sabe o que fazer com a colher, porque há um ponto de vista a respeito dos utensílios da cozinha, da culinária, que ele não tem, então não adianta dizer, é preciso ter códigos culturais.

A.F.: Isso realmente vai ter repercussões na Antropologia depois, com Levi-Strauss e a ruptura do olhar sobre o objeto...

I.B.: Sim, na Semiótica também. Relendo o “Cours” a esmo, encontrei outra passagem preciosíssima, em que ele fala de língua e raça. Na minha palestra eu comentei sobre a questão do vocalismo indo-europeu, Saussure mostrou que a concepção que os indo-europeístas (aliás, eles não chamavam de indo-europeu, eles chamavam *indogermanischen*), tinham do indo-europeu era uma concepção totalmente errônea, porque a ideia de que o sânscrito era arcaizante era totalmente um

¹ BLIKSTEIN, Izidoro, Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1983.

engodo, um engano, era bem o contrário, o sânscrito que era inovador, que levou todos os timbres vocálicos, e com isso ele destruía por assim dizer a ideia do sânscrito como sendo o espelho do indo-europeu. Não, mas de qualquer maneira, isso é que levou à tese sobre o alienismo, e até mencionei Schleicher que dizia “É preciso recuperar a origem indo-europeia, porque a língua é como um organismo vivo, nasce, cresce e morre.”. A metáfora biológica que Saussure critica aqui, e diz: “Primeiramente, a raça: seria um erro supor que pela comunidade de línguas se possa inferir a consanguinidade (...)” [pág. 260]. Esse é um óbvio, mas na época havia uma forte crença da relação entre língua e etnia, língua e raça, e é exatamente daí que surgiu toda a tese do alienismo, baseado na “indo-mania” da época. Portanto, se as ideias de Saussure tivessem prevalecido talvez essas teses não vingassem – isso é apenas uma hipótese, mas há outros fatores que levaram a isso. Mas ele fala aqui do etnismo: “É entre o etnismo e a língua que se firma aquela relação de reciprocidade (...)” [pág. 261]. Ora, afirmar isso no final do século XIX era realmente uma ousadia, porque os indo-europeístas defendiam essa antiguidade do sânscrito e do alemão também.

O discípulo de Saussure, Benveniste, disse “O indo-europeu não é uma língua é apenas o resultado de correspondências entre as línguas chamadas indo-europeias.”. Ninguém tem documento do indo-europeu, nada. Então falar da existência do indo-europeu é uma falácia. Mas isso não impede que até hoje haja defensores incondicionais do indo-europeu como um povo, como raça e como língua. Sabe onde? Em Lyon, Université Lyon 3. Haudry escreveu “*Les Indo-européens*”. Eles têm um departamento de “*langues indoeuropeennes*” e eles estão muito ligados ao Front National, “*les thèses revisionistes*”. E ligados a eles, o Faurisson, aí entra um problema muito ético, muito sério: Chomsky escreveu o prefácio do livro de Faurisson e quando o criticaram por isso “Você está prestigiando o Faurisson.”, Chomsky reagiu dizendo “Não, nós precisamos dar liberdade de expressão a todo mundo”, como dizia Voltaire “Não concordo com uma palavra que dizeis, mas defenderei até a morte o direito de dizê-las.”. Tudo bem, mas uma coisa é defender o direito de expressão, outra coisa é escrever um prefácio. E quando Chomsky esteve aqui no Brasil, ele deu uma palestra (convidado pela professora Cristina Altman da USP), eu não estava presente, mas um colega meu fez a pergunta sobre porque ele escreveu o prefácio para Faurisson. E ele não respondeu, pulou para outra questão. Hoje ele tem um engajamento político, e realmente aquilo foi estranho.

A.F.: Chomsky vem depois nos anos 1950, 1960, ou seja, nos anos 1970, data da tradução do Cours, retomando a pergunta, Saussure ainda é ruptura em relação a alguns linguistas.

I.B.: Ainda é ruptura, exatamente. Nada impede que alguns colegas meus tenham chamado de “anti-diluviano”. Numa defesa de tese, uma colega meu dizia “Você fala de Saussure? Todos esses são anti-diluvianos.”. Pode ser anti-diluviano, mas nada impede que um anti-diluviano seja capaz de ter percepções.

A.F.: O Senhor acredita que para traduzir linguística o tradutor deva ser linguista ou pesquisador da linguagem?

I.B.: Eu diria que sim. Teria que ser um linguista, um pesquisador, com uma visão crítica. Ele tem de ter também uma mente aberta, cultura, (linguista sim, pesquisador da linguagem) mas ter uma grande formação cultural.

A.F.: Para todo tradutor, isso é importante.

I.B.: Fundamental. E o conhecimento, ter uma visão antropológica, sociológica, literária. Quanto mais amplo for esse repertório, melhor para a tradução.

A.F.: A questão que nos colocamos sempre é que se para traduzir poesia tem que ser poeta, para traduzir um linguista tem que ser linguista?

I.B.: Tem que ser um pesquisador da linguagem, ou alguém com uma visão como por exemplo, José Paulo Paes, ele não tinha um curso de Letras, era formado em Química (era funcionário da Squib do Brasil) e começou a praticar poesia, literatura, etc, e ele era o meu colaborador-tradutor com uma percepção crítica muito grande. Ele até me advertiu: “É importante saber que o Jakobson considera que a relação entre significante e significado é obrigatória, mas precária, uma relação lábio móvel, senão a língua não evoluiria, é a fala que introduz as novidades na língua.”.

A.F.: Então ele era um autodidata da linguagem?

I.B.: Ele era um autodidata, se tornou professor por notório saber e deu aulas de Literatura Brasileira na USP. E se tornou (também como autodidata) conhecedor do grego moderno, traduziu o poeta grego Kaváfis. O José Paulo Paes acabou me ajudando muito com seus poemas para mostrar a transição do arbitrário para o motivado.

A.F.: Não basta saber só a língua para traduzir.

I.B.: Não só a língua, mas ser capaz de brincar com a língua, saber o que fazer com o signo linguístico. Ele tem um poema (ele era concretista) que se chama “Epitáfio para um banqueiro”:

n e g ó c i o
e g o
ó c i o
c i o
o

Até o formato triangular, começa em “negócio” e acaba em nada. O que foi a vida dele? Egoísmo, ociosidade, sexo e zero. Mas ao mesmo tempo ele desmonta muito bem: tira “ego” de negócio e tira também o “ócio”, um trabalho etimológico porque o “neg-ócio” é o “não ócio”. O ideal de vida latina era o ócio (os romanos nas termas de Caracalla, era o ócio), mas quando eles não tinham esse ideal, quando eram mercantilistas, eles faziam aquilo que não era o ócio, era o “neg-ócio” (e aqui na escola de Administração os estudantes ficaram furiosos quando comentei que o negócio é algo inglório, indigno, para o ideal de vida romana). Então a poesia de José Paulo Paes é uma aplicação dos princípios saussurianos de arbitrário, motivado e assim por diante.

A.F.: Como foi a recepção da tradução do *Curso de linguística geral* no Brasil, sobretudo nos Departamentos de Linguística? O senhor já falou um pouco no início.

I.B.: Foi muito controversa e contraditória. Houve aqueles que se entusiasmaram e houve aqueles que odiaram. Eu me lembro de ter oferecido o livro a um professor meu aqui da Faculdade de Letras e ele recebeu o “Curso” (fiz uma dedicatória) e ele nunca se manifestou. Aí eu o encontro um dia nos corredores da Faculdade “Professor, desculpe, mas eu mandei o livro para o senhor.” e ele falou “Não entendi nada.”. Então houve aqueles que por não saberem direito o que era esse “Curso”, ficaram com medo do desconhecido “O que essa Linguística veio fazer aqui? Vai acabar o ensino de Língua Portuguesa?”.

A.F.: Até hoje tem esse debate.

I.B.: Sim. Mesmo porque, com essa ideia de língua e fala, considerando que era importante fazer uma descrição da fala, e a fala não segue obrigatoriamente as regras gramaticais, surgiu um estereótipo de que a Linguística aplaude o erro, o erro gramatical. Então eu tomei uma crônica do Ferreira Gullar (que admiro muito, que escreve coisas muito interessantes, muito sensatas) que começava assim “Depois que a Linguística começou a ensinar que o erro está certo, eu já não sei mais o que pensar dos estudantes de Letras que escrevem muito errado ...”. Aí eu escrevi uma carta para a Folha de São Paulo dizendo que “Nosso grande poeta está enganado, a Linguística não aplaude o erro, ela descreve um estado de língua e procura explicar estruturalmente o que é o erro.”. Mas a Folha não publicou a carta, porque o Ferreira Gullar era colaborador deles. Até hoje eu digo que o “Curso” é sempre problemática: quem está no campo aplaude, quem está fora do campo vê sempre uma ameaça da Linguística que invade a Teoria Literária, de Língua Portuguesa...

A.F.: O senhor sabe quando foram criados os departamentos de Linguística?

I.B.: Isso veio depois, porque a Linguística era uma disciplina introdutória, do primeiro ano e depois pouco a pouco, com o avanço das pesquisas, das teses, etc, surgiu, por exemplo, a disciplina optativa de Semântica que era dada no segundo,

terceiro ano, foi se ampliando e emergiu daí fortes argumentos para criar um Departamento de Linguística. E ele foi criado e hoje é um departamento da Faculdade de Letras, ao lado de Letras Clássicas, Letras Modernas. Então foi criado o departamento com todo o currículo completo.

A.F.: Então de alguma maneira, essa coleção de traduções de obras de nomes importantes da Linguística, Saussure, Jakobson, Roland Barthes, contribuiu para se montar pouco a pouco um currículo de Linguística. A tradução do “Curso” nos anos 70 deu realmente esse passo?

I.B.: Deu esse passo e claro que depois foram aparecendo pesquisas, trabalhos, etc, como os trabalhos do professor Fiorin, já com um desdobramento de Semiótica, Semiótica Greimasiana, Semiótica Russa, Bakhtin (ele foi o grande descobridor da Semiótica Russa). Eu tive a honra de tê-lo [Fiorin] como orientando, ele veio lá do interior (de Birigui), muito simples e na entrevista para ser admitido na pós-graduação eu disse “Você ainda está no começo, você vai ter que passar por um ano de adaptação e depois você será admitido.”, mal sabia eu onde ele iria parar. A professora Diana também desenvolve esses trabalhos. O fato é que esses doutoramentos todos que foram se espalhando pelo Brasil convidaram à criação de um departamento, havia condições dessa criação. Mas o que ocorreu é que a Linguística era um departamento problemático, havia muitas dificuldades de relacionamento. Então muitos professores migraram para a área de “Românica”, eu, por exemplo, a professora Diana, a professora Zilda Zapparoli, o professor Fiorin, e nós fazíamos seminários de língua romena com o professor Salum, começamos a ler em romeno, falar em romeno. Até um momento em que, por uma iniciativa da professora Diana, ela achou que já poderíamos voltar para o Departamento de Linguística e aí a área se expandiu e hoje eu acho que é um departamento fundamental não só para a área de Letras, mas para a área de Ciências Humanas de um modo geral.

A.F.: Ela tem um papel importante nas Ciências Humanas.

I.B.: É só um indivíduo despertar para essa instrumentação da Linguística que ele fica deslumbrado mesmo. Um orientando meu defendeu uma tese na USP (no ano passado) sobre Machado de Assis e a Bíblia, em que ele faz a análise semiótica do texto machadiano mostrando a intertextualidade entre a Bíblia e a apropriação que o Machado faz da Bíblia. Um trabalho lindo.

Você fala da recepção da Linguística, alguns colegas dizem “Você faz um pouco de tudo, porque para mim a Linguística é fonética, morfologia, para mim isso não é Linguística.”. E aí eu me lembrei de uma citação do André Martinet quando falaram para ele sobre o Jakobson, as incursões na poética, ele diz “Eu acho que a gente devia ficar no campo estrito da Linguística, esse pessoal que pula para lá e para cá são os chamados anexionistas, nunca estão satisfeitos com seu próprio objeto de estudo e ficam anexando.”. E eu disse “Eu sou um anexionista!”.

A.F.: Acho que eu também sou!

I.B.: E o Jakobson disse que “Mas o linguista não devia ser indiferente à função poética da linguagem, um linguista surdo à função poética e um poeta indiferente às funções linguísticas são dois flagrantes anacronismos!”. Foi a resposta ao Martinet.

A.F.: Muito obrigada Professor.